

O /R/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA NO SUL DE MINAS GERAIS

Mariane Esteves Bieler da Silva (USP)
maribieler@gmail.com

RESUMO

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2006; 1972; 1999; 2001; 2010) e da geolinguística (NASCENTES, 1953; SILVA NETO, 1963), este trabalho tem como objetivo analisar comparativamente as produções de /R/ em posição de coda silábica no Sul de Minas Gerais. Nesta análise comparativa, serão considerados dois *corpora*: o primeiro é formado de 18 entrevistas sociolinguísticas coletadas na cidade sul mineira de Itanhandu; o outro é um recorte feito na Carta 2 do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, 1977) em que são consideradas as ocorrências do vocábulo “arco-íris” em 14 localidades que formam o Sul desse estado. Análises iniciais dos dois *corpora* têm evidenciado produções diferenciadas de /R/ em posição de coda silábica dentro dessa região conhecida como Sul de Minas Gerais.

Palavras-chave: Coda silábica. Geolinguística. Sociolinguística variacionista.

1. Introdução

Em um dos primeiros estudos dialetológicos brasileiros, Nascen-tes (1953) propõe a divisão do território nacional em seis subfalares or- ganizados em dois grupos: o do Norte e o do Sul.

Os subfalares do Norte são apenas dois: o *amazônico*, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e parte de Goiás e o *nordestino*, que com- preende o Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Per- nambuco, Alagoas e parte de Goiás.

Os subfalares do sul são quatro: o *baiano*, que abrange Sergipe, Bahia, Minas Gerais (Norte, Nordeste e Noroeste), parte de Goiás; o *flu- minense*, que abrange o Espírito Santo, o estado do Rio de Janeiro, o Dis-

trito Federal e Minas Gerais (Centro, Oeste e parte do Leste) e o *sulista*, que compreende São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso.

A extensão territorial que vai da fronteira com a Bolívia até a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará é despovoada e, portanto, *incharacterística*, segundo Nascentes (1953).

Mapa 1: Divisão dialetal proposta por Nascentes (1953)



A fim de dar continuidade ao trabalho de Nascentes (1953) e também para verificar a validade das divisões propostas por esse autor, a partir da década de 1950, alguns estudiosos brasileiros, com destaque para Silva Neto (1963) e Nascentes (1958), apontavam a necessidade da cria-

ção de um atlas nacional que contivesse os usos lingüísticos espalhados por todo o território nacional.

Em consequência de problemas de natureza diversa, o *Atlas Lingüístico do Brasil* não foi levado a cabo. Por isso, Silva Neto (1963) propôs a realização de atlas estaduais e regionais que, ao seguir a mesma metodologia de coleta e pesquisa, pudessem depois ser agrupados em um único atlas nacional.

Essa foi a proposta concretizada pelos primeiros dialetólogos brasileiros. Vem do nordeste brasileiro o primeiro atlas lingüístico estadual publicado no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI, 1963).

O APFB foi elaborado entre os anos de 1960 e 1962 sob a coordenação do Professor Nelson Rossi e com recursos exclusivos da Universidade Federal da Bahia. Ele contou com uma rede de pontos composta de 50 localidades, distribuídas pelas 16 zonas fisiográficas do estado e um questionário com 182 perguntas, selecionadas de uma versão prévia do questionário que continha 3.000 questões, divididas nas áreas semânticas TERRA, VEGETAIS, HOMEM, ANIMAIS.

Nesse primeiro atlas lingüístico brasileiro, teve-se um total de 100 informantes, 57 mulheres e 43 homens com idade variável entre 20 e 60 anos, sendo todos analfabetos ou semianalfabetos.

O segundo atlas lingüístico brasileiro foi o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG) publicado em 1977 sob a coordenação dos Professores Mario Roberto Zágari e José Ribeiro da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esse segundo atlas, publicado catorze anos após o pioneiro, adotou uma metodologia diversa quanto ao questionário, à forma de composição da rede de pontos lingüísticos, ao número e ao perfil dos informantes por localidade, o que inviabilizou sua associação ao APFB.

É claro que outros atlas lingüísticos foram sendo produzidos e abarcaram grande parte do território nacional. Entretanto, neste trabalho, o interesse será o estudo do EALMG.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as ocorrências da coda /-r/ comparativamente entre Itanhandu e as cidades do Sul (ZÁGARI, 1977) mineiro contempladas na construção da amostra do EALMG.

Essa comparação tem como objetivo específico problematizar a divisão de isoglossas (**Carta 2**) proposta por Zágari (1977) em que o Sul de Minas é caracterizado como um “falar apaulistado”, fazendo-se referência ao interior deste estado e, sobretudo, à sua produção prototípica de /-r/ retroflexo.

Para a análise comparativa aqui realizada, será considerada não só a metodologia comumente empregada em trabalhos da tradição geolinguística como também recorrer-se-á à metodologia empregada em estudos sociolinguísticos (LABOV, 1972).

Esse trabalho se justifica na medida em que une pressupostos teórico-metodológicos de duas vertentes diferentes de estudos linguísticos, a sociolinguística e a geolinguística, mas que, consideradas complementarmente, podem garantir uma análise mais satisfatória dos acontecimentos linguísticos observados. É o que se poderá perceber na análise comparativa aqui realizada entre o Sul de Minas Gerais e uma de suas comunidades, a pequena cidade de Itanhandu.

No Brasil, muitos estudos sociolinguísticos e geolinguísticos já foram realizados sobre a pronúncia variável de /-r/ em coda silábica (ROSSI et al, 1963; ZÁGARI, 2005 [1977]; ARAGÃO & MENEZES, 1984; CALLOU, 1987; FERREIRA ET AL, 1987; CALLOU, MORAES, LEITE, 1996; KOCH et al, 2002; CRUZ, 2004; RAZKY, 2004; LIMA, 2006; BRANDÃO, 2007; PEREIRA, 2007; BRESCANCINI, MONARETTO, 2008; MENDES, 2010; LOURDES, 2011; MENDES, OUSHIRO, 2012, entre outros).

O interesse por tal variável linguística evidencia sua relevância como marca regional: os diferentes trabalhos aqui citados foram realizados em vários estados brasileiros, com o objetivo de caracterizar sociolinguisticamente cada região. Considerando-se a proposta geral deste trabalho – fazer uma pequena análise das pronúncias de /-r/ em Itanhandu comparando-as com essas mesmas produções verificadas por Zágari (1977) no EALMG no Sul de Minas Gerais, região do estado em que se encontra Itanhandu – proceder-se-á à exposição da problemática observada nessa região de Minas, à apresentação do EALMG, bem como à uma breve consideração social e linguística de Itanhandu.

2. Minas Gerais: questões (sociogeo)linguísticas presentes no sul do estado

Como pode ser percebido já na divisão dialetal proposta por Nascentes (1953), o estado de Minas Gerais é bastante diverso no que diz respeito aos seus usos e costumes linguísticos. A classificação linguística que vale para o Norte de Minas modifica-se para o Centro e também para o Sul. Dessa forma, mostra-se bastante difícil, como afirmara Serafim da Silva Neto em sua *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, determinar isoglossas dentro do território nacional e, diga-se especificamente, dentro do estado de Minas Gerais.

Com o objetivo de compor o que foi denominado *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, posteriormente conhecido como EALMG, os professores José Ribeiro e Mário Roberto Zágari (UFJF), na década de 1970, coletaram dados por meio de questionários em 116 municípios mineiros distribuídos por todo o estado, somando, ao fim da pesquisa, mais de 6.000 horas de gravação.

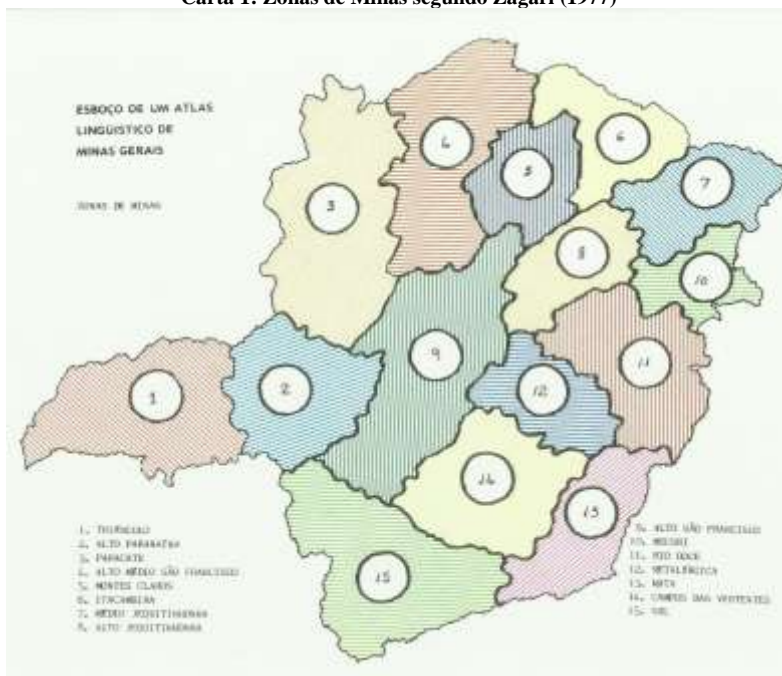
O questionário elaborado era composto de 415 perguntas pelas quais caberia aos informantes apontar não só o modo como pronunciavam determinadas palavras, mas também suas preferências lexicais acerca de 5 campos semânticos: *tempo e folguedos infantis, homem, animais, água e terra*. As entrevistas foram semidirigidas.

Com tal estudo, os pesquisadores chegaram a uma divisão do estado em 3 sub-regiões. Ao norte do estado, os costumes linguísticos foram aproximados aos do estado da Bahia (com o qual Minas faz fronteira nessa região). Segundo Zágari (2005), nessa região há “(...) predominância de vogais pré-tônicas baixas, como [ɔh´vaʎu], [sɛ´rẽnu], a presença da africada [ts] antecedendo a vogal alta [u], como em [´mutsu], [´otsu], além da pronúncia coronal de [t] e [d], como em [i´dadi], [´dêti], e a nasalidade recorrente fora da sílaba tônica: [bã´nãna] ou [kãmi´ñãw]”.

As cidades que compõem a região do Triângulo Mineiro e do sul de Minas foram caracterizadas pela presença marcante do /-r/ retroflexo, produção próxima ao que se verifica no interior do estado de São Paulo. Mais uma vez, a situação de divisa estadual parece contribuir para a explicação das produções linguísticas observadas. Já a região central de Minas Gerais seria um contraponto às duas anteriores, por revelar características peculiares do “falar mineiro” (NASCENTES, 1958; ZÁGARI, 1998). Uma delas seria a não ditongação de vogais finais sucedidas de sibilantes (por exemplo, arro[i]z).

O estudo de Ribeiro e Zágari (1977), apesar de bastante amplo, já que contempla dezenas de cidades espalhadas por todo o estado de Minas Gerais, permite entrever problemas em algumas generalizações. Os pesquisadores observam que os costumes linguísticos de determinadas regiões do estado parecem ter ligação com os outros estados ou regiões, com os quais Minas faz divisa – com exceção do centro do estado, aparentemente “ímmune” a influências “externas” (daí a percepção de que seria a região mais “autenticamente mineira”). Um equívoco aparente, contudo, seria desconsiderar Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul como outros possíveis influenciadores dos falares mineiros. Minas Gerais é um estado de grandes dimensões geográficas, não possui saída para o mar e é circundado por outros seis estados e pelo Distrito Federal.

Carta 1: Zonas de Minas segundo Zágari (1977)



Carta 2: Divisão das isoglossas delimitadas pelo ALEMIG



Segundo afirma Martins (2006), tais equívocos seriam resultado de uma

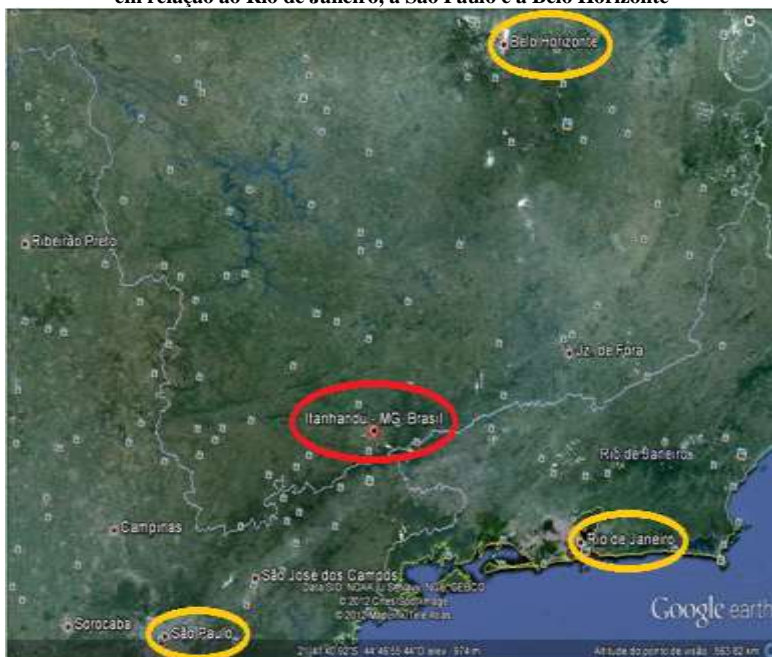
dificuldade que os dialetólogos encontram para limitar as zonas de ocorrência de um determinado traço fonético ou gramatical de um falar. No caso da variação linguística em Minas, como ocorre via de regra, não há como demarcar as fronteiras desses três falares de forma definitiva, no sentido de se verificar onde começa um e acaba outro, pois as zonas limítrofes estão em constante contato. Por outro lado, isso não anula a diversidade linguística.

De fato, a cidade de Itanhandu, localizada na região 15 (Carta 1), revela-se como uma sorte de evidência desse equívoco. Por sua localização, entender-se-ia que compartilha do “falar apaulistado”. De acordo com Bieler (2012) não há dúvidas, por exemplo, de que os itanhanduenses pronunciam a coda /-r/ de maneira retroflexa na maioria das vezes em suas produções linguísticas. Não se considera, porém, que a região onde se localiza Itanhandu, conhecida como Terras Altas da Mantiqueira, está numa área de fronteira não só com o estado de São Paulo, mas também com o estado do Rio de Janeiro. É interessante notar o fato de que ita-

nhanduenses também pronunciam a coda /-r/ da maneira aspirada – senão uma das marcas linguísticas cariocas, certamente um fato linguístico não associado ao estado de São Paulo ou ao sul de Minas.

A influência dos costumes linguísticos cariocas e paulistas¹⁰ no falar itanhanduense parece ser mais presente do que a influência do falar belorizontino (com seu /-r/ fricativo velar surdo e sua ausência de ditongação em vogais finais sucedidas de sibilantes, com em [ˈnɔs]). Esse fato parece decorrer da localização de Belo Horizonte – quase duas vezes mais distante de Itanhandu do que as duas maiores metrópoles brasileiras (ver **Figura 1**)¹¹.

Figura 1: Localização de Itanhandu em relação ao Rio de Janeiro, a São Paulo e a Belo Horizonte



¹⁰ Apesar da diferença semântica entre os vocábulos “paulista” e “paulistano”, os itanhanduenses parecem não diferenciá-los quando os utilizam para qualificar produções linguísticas que, de maneira geral, classificam como “de São Paulo”. (BIELER, 2012).

¹¹ Belo Horizonte está a 425 Km de Itanhandu, São Paulo está a 267 e Rio de Janeiro a 246 Km. Fonte: Google Maps.

Outra consideração a se fazer é que não só estados como um todo podem influenciar o falar de certos mineiros, mas também cidades específicas. Esse parece ser o caso da capital paulista que, possivelmente por sua proximidade em relação a Itanhandu, parece ter influência sobre o falar local dos itanhanduenses – é notável a pronúncia de /-r/ como tepe por falantes na cidade.

Na verdade, o que se verifica em Itanhandu parece ser mais do que um caso de influência linguística simplesmente decorrente da sua localização em divisa estadual: parece ser um caso de expressão de diferentes identidades (MENDOZA-DENTON, 2002) correlacionadas a diferentes lugares (JOHNSTONE, 2004). Localizada entre os dois maiores centros urbanos brasileiros, essa pequena cidade vive basicamente do setor terciário (comércio e serviços); assim, muitos jovens e adultos maduros mudam-se ou revelam desejo de mudar-se dela para uma das duas grandes metrópoles, em busca de melhores oportunidades de emprego e renda. Assim, itanhanduenses estabelecem com esses dois grandes centros uma relação de identificação que, por vezes, não revelam possuir com a cidade de que são naturais (ou então com a capital do estado, para onde não é tão comum a migração (BIELER, 2012).

3. O EALMG

Segundo Zágari (1996),

O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais é uma tentativa de inventariar e sistematizar o(s) falar(es) mineiro(s). Procura-se apurar a realidade linguística de Minas Gerais com o intuito de fornecer dados que possibilitem uma descrição de seus traços fonéticos, morfossintáticos e lexicais.

Como dito anteriormente, o EALMG foi coletado na década de 70 através de um questionário de 415 perguntas aplicado em 116 municípios espalhados por todo o estado de Minas Gerais contando com a participação de informantes de 30 a 50 anos.

Conforme dito na *Apresentação ao EALMG*,

O objetivo era o exame do uso regional na fonética, fonologia, lexicologia e morfossintaxe. Com a finalidade de testar e controlar as respostas obtidas em determinadas áreas, foi feita também uma pesquisa indireta, por correspondência, com questionário próprio, enviado a nada menos de 672 municípios mineiros. (ZÁGARI, 1977, p. 14)

Como os próprios autores (1977, p. 21) explicam na *Introdução ao EALMG*, a obra não tinha a intenção de ser definitiva. Por ser um

“esboço”, ela poderia ser modificada e repensada para a produção do que os autores chamam de um “volume II melhor”.

3.1. Metodologia adotada

A metodologia adotada foi a da *pesquisa direta*, ou seja, *in loco*. Os inquiridores percorreram 116 municípios mineiros e coletaram os dados através de conversação dirigida com o uso de questionário previamente elaborado para esse fim.

Houve também o uso da pesquisa indireta. Por ela, entende-se o envio de certo tipo de questionário a 672 municípios com a finalidade única de testar e controlar respostas obtidas em determinadas áreas.

Os autores afirmam ainda que conciliaram o uso de metodologias tradicionais de coleta de dados linguísticos, como os advindos da Geolinguística, e também métodos mais modernos, como os procedentes da Sociolinguística norte-americana.

3.2. O questionário

Sobre o questionário, afirmam os autores (1977, p. 25) do EALMG que

A redação do questionário obedeceu, de certa forma, aos outros que foram aplicados às diferentes línguas românicas. Mas, na verdade, é tal a diferença de condições sociais, econômicas – humanas, enfim – que nos separam dos Atlas europeus e norte-americanos, que acabamos, ao final, por fazer nosso próprio questionário, adaptando-o às condições do homem e da terra.

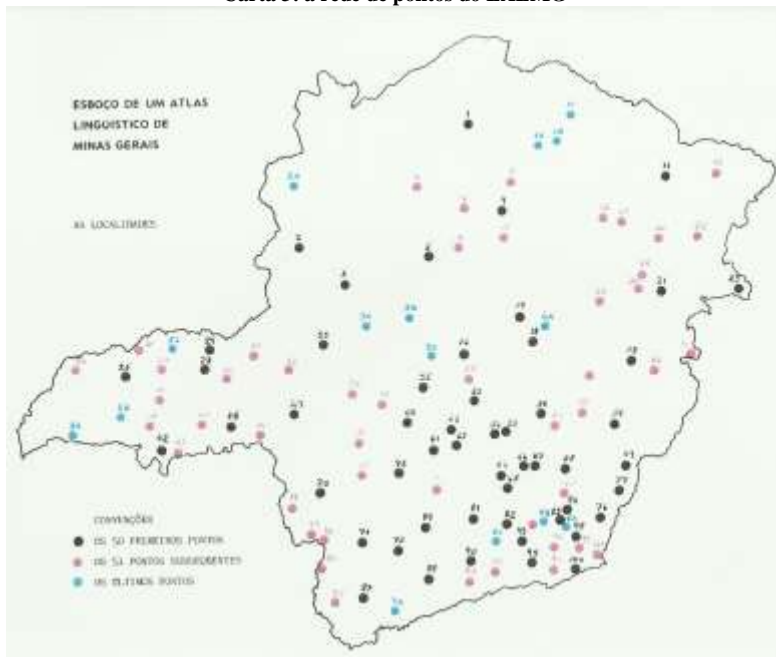
O questionário foi elaborado de modo que a situação de entrevista se desse como um “jogo de sememas sucessivos”. Os temas considerados na construção do questionário definitivo centralizavam as experiências diárias dos informantes (*tempo, moradia, utensílios, alimentação, divertimentos, animais, topografia*). Antes de ser aplicado, este questionário foi testado inúmeras vezes na região da Zona da Mata mineira e, ao final, foi estabelecido que constaria de 415 perguntas.

Houve um corte bastante grande em relação à quantidade de perguntas presentes no questionário inicial, pois foi notado que, em inquiritos muito demorados, o informante acabava por ficar “desinteressado, desatento e dispersivo”.

Os autores (1977, p. 26) revelam que foi tomado o cuidado de adaptar o questionário ao município, ou região, de entrevista. Como exemplo, eles citam uma situação em que não se interrogou sobre o plantio de milho porque a região cultivava somente fumo. Dessa maneira, o questionário não foi aplicado de modo idêntico por todo o estado de Minas Gerais pelo fato de haver a preocupação de não se tratar de assunto que escapasse à vivência do entrevistado.

3.3. A rede de pontos

Carta 3: a rede de pontos do EALMG



As localidades consideradas para a coleta da amostra constante no EALMG totalizam 116 municípios e incluem não só grandes centros – econômicos, sociais, turísticos, industriais –, mas também povoados bem pequenos, com apenas algumas dezenas de casas e menos de 1.000 habitantes. Essa opção vinha de uma das metas do EALMG que era encontrar as isófonas e isoléxicas do estado.

A escolha dos pontos seguiu três etapas distintas: a primeira foi histórica, buscando-se também uma distribuição espacial em zigzague, para que todas as regiões fossem visitadas, e considerando a densidade demográfica das localidades; a segunda foi puramente linguística, partindo de hipóteses fonéticas e lexicológicas; a terceira abarcou pontos em que uma ou outra dúvida persistia ou quando os questionários por correspondência traziam algo diferente do esperado. De cada seis localidades mineiras, uma foi visitada.

3.4. Inquiridores

O EALMG foi planejado por José Ribeiro e Mario Roberto Lobuglio Zágari, mas executado pelos dois e mais dois outros professores convidados: José Passini e Antônio Pereira Gaio.

3.5. Informantes

A busca por informantes, que no início mostrou-se aleatória e indiferente, passou a ser influenciada pelo auxílio que os pesquisadores recebiam da Administração Pública Municipal. Percebeu-se que as entrevistas eram mais facilmente conseguidas quando os pesquisadores eram apresentados aos informantes por alguém do próprio meio destes.

A escolha dos informantes obedeceu a critérios rigorosos, como:

- a. ser nascido na cidade sob análise, bem como ser descendente de família igualmente ali nascida e criada;
- b. ter entre 30 e 50 anos a fim de evitar “isoglossas geracionais”;
- c. se casado, o cônjuge também deve ser nascido na cidade sob análise;
- d. iletrado, se possível, analfabeto ou ter apenas o curso primário ou ter somente iniciado o Mobral; ser “suficientemente inteligente” para que a conversa transcorresse com facilidade;
- e. não ter vivido em outro município e nem ter viajado;
- f. não ter prestado serviço militar;
- g. ter boas condições de saúde e fonação;

- h. ter profissão variável, já que o questionário tinha questões igualmente variáveis; ser “capaz de representar o falar local”.

3.6. Inquéritos

Apesar da existência de um questionário uno para todos os informantes, conforme visto no item 2.2., ele não se mostrou rigorosamente fixo e imutável na medida em que se buscou, acima de tudo, espontaneidade na condução do diálogo.

Sobre a situação de entrevista, afirmam os autores (1977, p. 26) que “durante as entrevistas jamais se procurou obter respostas ‘arrancadas’. A excessiva insistência em obter a qualquer preço uma resposta poderia levar o entrevistado a usar um material linguístico inexistente em sua fala normal”.

3.7. Cartas

O EALMG é composto por 3 cartas introdutórias, 48 cartas lexicais, 3 cartas que trazem zonas isófonas e 25 cartas que trazem zonas isoléxicas.

Em cada carta lexical há:

- a. o título;
- b. o número da carta;
- c. o vocábulo;
- d. o número da pergunta constante no questionário e sua respectiva área semântica;
- e. os vocábulos de frequência mínima, ouvidos em um ou dois pontos;
- f. as convenções com as cores vermelho, azul, verde, preto, amarelo e marrom, em círculos cheios e vazios. Quando o número de vocábulos é extenso, adota-se, na mesma ordem de cor, formas triangulares.

Exemplo:

Carta 4: Carta 7 – ocorrências do vocábulo “mormaço”



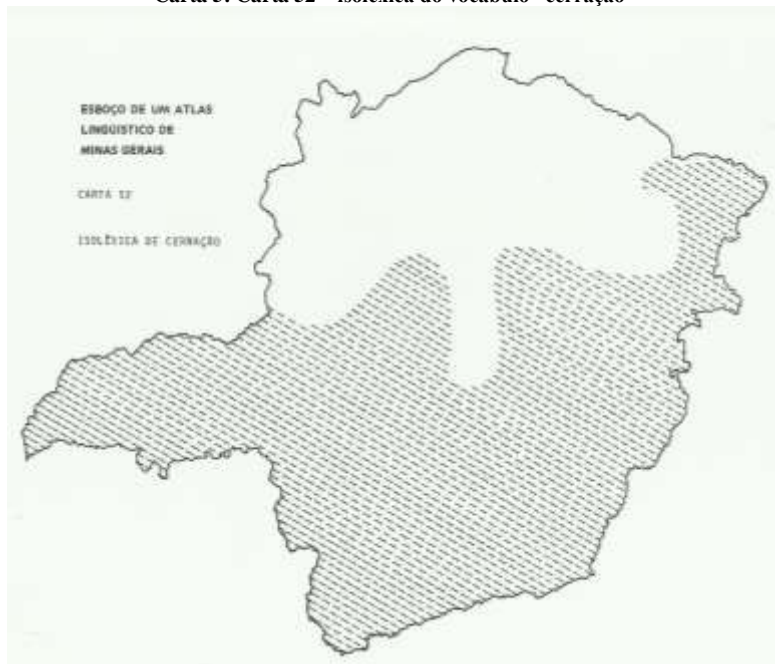
Existem alguns pontos brancos (por exemplo o ponto 12) no mapa que resultam de questões não respondidas e para as quais não foram procurados informantes auxiliares a fim de preenchê-las.

Já as cartas isófonas e isoléxicas são constituídas de:

- título;
- número da carta;
- isófona ou isoléxica de _____;
- entre parêntese aparece o sentido mais usual para o vocábulo cuja isoléxica se apresenta.

Exemplo:

Carta 5: Carta 52 – isoléxica do vocábulo “cerração”



3.8. Proposta da divisão do estado de Minas Gerais em isoglossas

Conforme cita a introdução, Zágari (1977; 1996; 2005) propõe a divisão de Minas Gerais em 3 falares distintos:

- (i) um *falar abaianado* que, partindo do Norte vai até a linha, no sentido Leste-Oeste, que abarca as localidades de *Mantena, Galileia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Ribeiro* e termina em *Paracatu* (grifos do autor).
- (ii) um *falar apaulistado* que, partindo do Sul, na *cidade de Passa Vinte* e, rumando para o Norte, pega *Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis* e, dobrando para o Oeste, vai até *Vazante*, passando por *Bom Despacho, Dolores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas* e *São Gonçalo do Abaeté*, englobando o Sul e o Triângulo (grifos do autor).
- (iii) um *falar mineiro* (utilizando-se a nomenclatura de Nascente, 1958), preso entre essas duas áreas, além de não possuir as características acima enumeradas, desfaz constantemente os ditongos [ay], [ey], [oy], quando tôni-

cos e não finais, como em [ˈkaʃa], [miˈneru] ou [ˈtoru] e faz surgirem outros, quando em final de sílaba e antecedidos por sibilantes: [aˈxoyʃ], [ˈtreys] ou [ˈfays] (grifo do autor).

Não se pode negar a contribuição de Zágari (1977; 2005) para o conhecimento linguístico que se tem sobre o estado de Minas Gerais. Entretanto, deve-se atentar para o fato de que certas generalizações podem esconder especificidades, sub-regionais, por exemplo. O trabalho de Lourdes (2011) destaca a existência de uma cidade no triângulo mineiro, chamada Patos de Minas, em que o /-r/ retroflexo não é uma realidade linguística na fala de todos os habitantes; apesar de localizada numa região de sotaque próximo ao do interior de São Paulo (de acordo com Zágari, 1977; 2005), essa pronúncia aparece em poucos casos e é mais comum na fala de pessoas que têm mais de 50 anos.

Em Itanhandu, também localizada no sul de Minas Gerais, a pronúncia de /-r/ parece variar de acordo com padrões que divergem daquela de outras cidades da região. Conforme já se indicou na introdução, o trabalho de Bieler (2012) mostra que a pronúncia retroflexa “convive” com a tepe e a aspirada – respectivamente características das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em suas considerações sobre o falar apaulistado, Zágari (1996, p. 17) chega a mencionar que há, em algumas localidades que compõem esse falar, pessoas que afirmam não falar o “r caipira”, mas o autor desconsidera esses casos de não retroflexo, pois acredita que erres de outra natureza ocorrem apenas “num diálogo tenso ou formal. Perdida a formalidade, o *retroflexo retorna*” (grifo nosso).

3.9. A transcrição fonética

Os autores (1977, p. 34) do EALMG afirmam adotar uma transcrição que, ao mesmo tempo, facilitasse a compreensão dos elementos e não causasse danos ao fato fonológico em si. Dizem ainda que o alfabeto fonético internacional foi conservado sempre que possível, mas, em alguns momentos, ele foi modificado para se adaptar “às circunstâncias mecanográficas especiais”.

A seguir, expõe-se a convenção adotada para a transcrição do /-r/ em posição de coda silábica. Somente esta convenção será evidenciada, pois diz respeito à variável linguística estudada neste trabalho.

- /r/ flap alveolar sonora

- /ř/ vibrante alveolar sonora
- /r/ vibrante retroflexa sonora
- /R/ vibrante velar sonora

4. *Itanhandu: região de fronteira estadual*

O município sul-mineiro de Itanhandu – onde vivem aproximadamente 14 mil pessoas (IBGE, 2010) – foi oficializado como tal em 7 de setembro de 1923. Teve suas origens com um pequeno aglomerado de casas no século XVIII, circundado por várias fazendas – o arraial da Barra Verde. (IBGE)¹²

Essa cidade desperta especial interesse para este estudo por apresentar características sociolinguísticas distintas daquelas mais prototípicas no interior sul-mineiro. Pacata, pequena e culturalmente rica, Itanhandu fica próxima à divisa entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e congrega características culturais, sociais e linguísticas dos três estados.

É para São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente para as suas capitais, que Itanhandu “exporta” a maioria de seus migrantes. São reconhecidamente numerosos os jovens que deixam sua cidade de origem em busca de melhores condições de vida, de instituições de ensino de maior mérito e de melhores empregos.

Quando não se mudam de volta a Itanhandu após certo tempo, esses jovens voltam periodicamente à sua cidade natal e consigo trazem novos costumes e valores, inclusive de natureza sociolinguística. É comum que tais valores sejam percebidos e avaliados como “superiores” em relação aos locais, tanto pelos jovens que voltam à cidade para visitar parentes e amigos, quanto pelos moradores que nunca deixaram a cidade. Entre tais “novidades”, incluem-se comportamentos linguísticos divergentes daqueles mais prototípicos do sul de Minas, bem como avaliações negativas a respeito do falar local.

¹² Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=313310&search=minas-gerais|itanhandu#historico> Acesso em: 29-07-2013.

4.1. Metodologia da coleta da amostra em Itanhandu

Em sua Iniciação Científica, orientada pelo Professor Doutor Ronald Beline Mendes e financiada pelo CNPq em 2010-2011 e pela Reitoria da USP em 2011-2012, Bieler (2012) gravou e transcreveu 18 entrevistas sociolinguísticas com base em três critérios sociais: o sexo/gênero do informante, sua faixa etária (entre 18 e 30 anos, 31 a 45 anos, 46 a 65 anos) e seu grau de identificação com a cidade (falantes que se identificam “totalmente” com a cidade e revelam não pretender deixá-la; falantes que não se identificam com Itanhandu e que prefeririam “morar fora” ou ainda falantes que já moraram “fora”, mas *tiveram* que voltar à sua cidade natal; e, finalmente, falantes que saíram de Itanhandu e não pretendem retornar).

Tabela 1: Variáveis em que se baseiam as entrevistas sociolinguísticas estratificadoras dos informantes amostrados por Bieler, 2011¹³.

Sexo/gênero	Faixa Etária	Graus de identificação
M: Masculino F: Feminino	(1): 18 a 30 anos (2): 31 a 45 anos (3): 46 a 65 anos	I: mora em Itanhandu e não quer sair S: mora em Itanhandu e quer sair ou teve que voltar N: mora fora de Itanhandu e não quer voltar

5. Análise comparativa

Para a realização dessa análise comparativa, alguns elementos devem ser considerados.

O primeiro deles diz respeito à composição das duas amostras aqui comparadas. Ambas foram coletadas *in loco* com informantes prototípicos das localidades em que as entrevistas foram realizadas. Entretanto, é necessário destacar que, na amostra coletada por Zágari (1977), os informantes deveriam ser analfabetos ou terem apenas até quarto ano primário enquanto que, na amostra coleta em Itanhandu (BIELER, 2012), não havia uma preocupação com a escolaridade do informante de modo que esse critério não foi considerado para a estratificação da amostra.

Apesar da diferença na composição dos dois *corpora*, não haverá grandes problemas ao compará-los, visto que o próprio Zágari (1996) considera a importância de coletar a fala de informantes mais escolariza-

¹³ Relatório Final de Iniciação Científica, apresentado por Mariane Esteves Bieler da Silva ao final do primeiro ano de pesquisa (CNPq, agosto de 2011).

dos, acrescentando pessoas com ensino superior completo no que ele chama de volume II e volume III do *Atlas Linguístico de Minas Gerais*.

Outro aspecto a ser considerado é que comparar-se-ão dados coletados em uma única cidade com dados coletados em 14 cidades que compõem a região do Sul de Minas Gerais, de acordo com a proposta de Zágari (1977). Entretanto, essa diferença também não se mostra problemática, uma vez que os dados coletados em Itanhandu, apesar de ser uma única cidade, são absurdamente mais numerosos dos que os dados, que constam na Carta 2, das outras catorze cidades do Sul de Minas. A intenção é se fazer notar a existência de outros erres nessa região que não o erre retroflexo “mais típico”.

5.1. Distribuição geral dos dados em Itanhandu

Tabela 2: Distribuição geral do /-r/ em Itanhandu

Produção de /-r/ em coda silábica em Itanhandu – Minas Gerais			
	Retroflexo	Aspirado	Tepe
Número de ocorrências/ Total	4.534/ 4.888	320/ 4.888	33/4.888
%	92.8	6.5	0.7

Como evidenciado na **Tabela 2**, há, em Itanhandu, uma supremacia do uso do erre retroflexo em posição de coda silábica (92.8% dos casos de erre nessa posição). Porém, deve-se notar que as ocorrências de erre aspirado e tepe também são significativas em Itanhandu, visto que produzir uma variante que não a prototípica da cidade (o /-r/ retroflexo) deixa bastante saliente a intenção do informante de se mostrar, de alguma forma, envolvido na vida social e mesmo linguística da cidade de São Paulo (casos de tepe) ou do estado do Rio de Janeiro (casos de erre aspirado).

Como dito anteriormente, Zágari (1996) considera a existência de pessoas de nível social mais elevado nessa região do “falar apaulistanado”, o que inclui o Sul de Minas Gerais de maneira total, que “afirmam e reafirmam não falares [sic] assim”. O que o autor evidencia é que algumas pessoas dizem não produzir /-r/ retroflexo, não o tempo todo. Porém, Zágari (1996) minimiza o uso de outros tipos de /-r/ nessa região ao dizer que eles só aparecem em “diálogo tenso ou formal” e, tão logo perdida a formalidade, o retroflexo reassume sua posição.

Dessa forma, o interesse pelo estudo do município sul mineiro de Itanhandu também se justifica por ser a cidade, e os seus cidadãos, representantes de uma fala já esboçada em Zágari (1996).

Alguns itanhanduenses parecem dialogar com Zágari (1996) na medida em que não produzem erres não retroflexos somente em situações de grande formalidade ou tensão. Os erres, aspirados e tepes, passam também a ser uma marca desses itanhanduenses, que desejam ser vistos como pessoas igualmente conscientes da “modernidade” e “desenvolvimento” que os cerca e não como “filhos do atraso” de regiões interiores do Brasil.

5.2. Distribuição geral dos dados na Carta 2

A carta da qual serão extraídos os dados de /-r/ em coda silábica é a **Carta 2**. Essa carta traz o vocábulo “arco-íris”, em suas diversas possibilidades de realização fonética, como a reposta dada à questão: “Costuma, às vezes, após a chuva vir logo o sol e, então, aparecem no céu umas faixas coloridas. Dizem mesmo que se um menino passar debaixo vira menina. Como se chama isso?”

Não interessará aqui tratar de outros vocábulos que possam ser igualmente fornecidos como resposta da questão acima, pois o objeto deste estudo são os casos de realização de /-r/ em posição de coda silábica, ou seja, o /-r/ do vocábulo *arco*.

São 14 localidades que compõem o que Zágari (1977) chama de Sul de Minas Gerais. São elas e seus respectivos números: Itajubá – 7A; Passos – 70; Alfenas – 71; Varginha – 72; São Sebastião do Paraíso – 78; Guaxupé – 79; Muzambinho – 80; Poços de Caldas – 85; Ouro Fino – 86; Pouso Alegre – 87; Caxambu – 88; Lavras – 89; Andrelândia – 90 e Liberdade – 91.

Tabela 3: Vocábulo “arco-íris” no Sul de Minas Gerais (ZÁGARI, 1977)

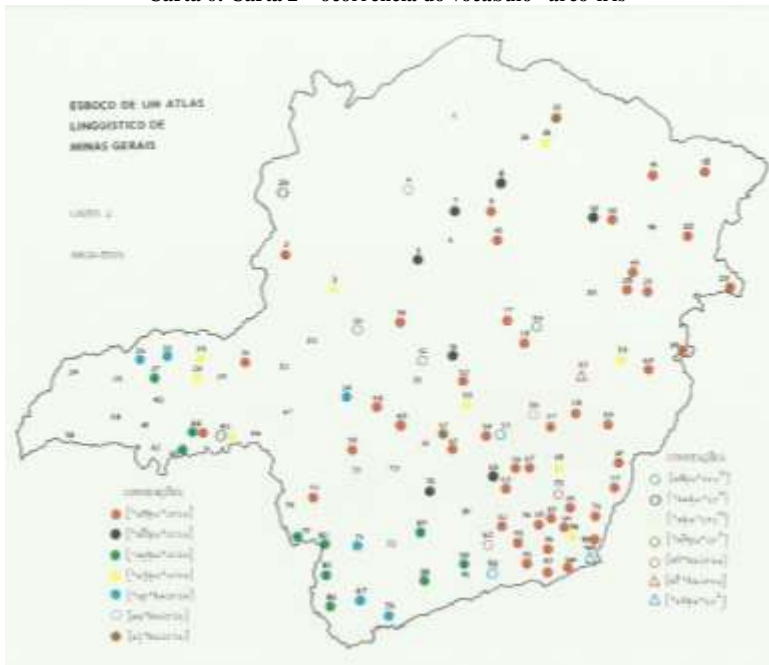
Número do Ponto	Município	Ocorrência de [-r] em coda silábica no vocábulo “arco-íris”
7A	Itajubá	[‘ar ‘kwiris]
70	Passos	[‘aRku ‘iris]
71	Alfenas	[‘ar ‘kwiris]
72	Varginha	-
78	São Sebastião do Paraíso	-
79	Guaxupé	[‘arku ‘iris]
80	Muzambinho	[‘arku ‘iris]
85	Poços de Caldas	[‘arku ‘iris]

86	Ouro Fino	[ˈarku ˈiris]
87	Pouso Alegre	[ˈar ˈkwiris]
88	Caxambu	[ˈarku ˈiris]
89	Lavras	[ˈarku ˈiris]
90	Andrelândia	[ˈarku ˈiris]
91	Liberdade	-

Na **Tabela 3**, as localidades que revelaram possuir uma mesma realização para o vocábulo “arco-íris” estão marcadas em cores iguais. São basicamente duas possibilidades de realização desse vocábulo: a forma que se dá entre as localidades destacadas em vermelho e a forma que se dá entre as localidades destacadas em azul.

Os pontos 72, 78 e 91 não tiveram formas registradas desse vocábulo, provavelmente porque a questão correspondente a ele não foi respondida pelo informante. Já o ponto 70, a cidade de Passos, realizou o vocábulo de forma diferente das demais cidades.

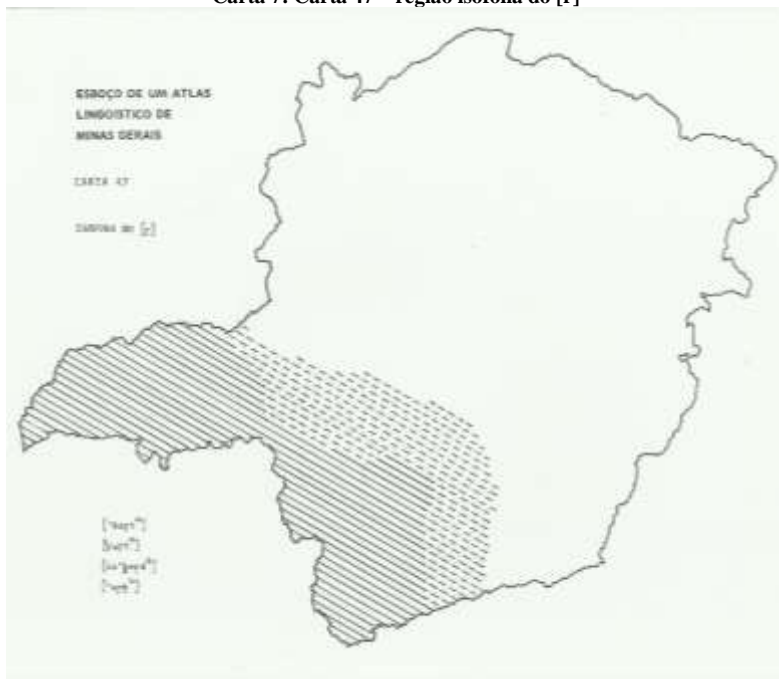
Carta 6: Carta 2 – ocorrência do vocábulo “arco-íris”



5.2.1. Carta 47: isófona do [r]

Se para os pontos 7A, 71, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 89 e 90 o /-r/ foi produzido como *vibrante retroflexa sonora*, na cidade de Passos foi produzido como uma *vibrante velar sonora*, um tipo de /R/ não prototípico na região e que parece indicar, ao lado de Itanhandu (BIELER, 2012), a existência de outros tipos de /R/ nessa região.

Carta 7: Carta 47 – região isófona do [r]



Pode-se perceber que, ao construir a carta isófona da vibrante retroflexa sonora, Zágari (1977) desconsiderou não só a ocorrência verificada na cidade de Passos, mas também a fala das pessoas da região sobre a sua não produção de /-r/ retroflexo.

É claro que essa desconsideração foi feita em prol de uma busca de padrões, de uma generalização em que se aproxima uma região toda por meio de traços linguísticos.

6. Conclusão

Após a análise comparativa entre os dados do *corpus* de Itanhandu e os dados que compõem a **Carta 2**, com recorte na região do Sul de Minas Gerais, do EALMG, pode-se concluir que, apesar da existência, sem dúvida alguma, soberana do /R/ retroflexo em posição de coda silábica nessa região do estado é importante perceber a presença igualmente valiosa de outros tipos erres lá.

Os dados apresentados da cidade de Itanhandu, unidos à ocorrência registrada na cidade de Passos, também no sul do estado, e à percepção das pessoas de que não falam o “r caipira” todo o tempo corroboram a necessidade de estar atento também à realização de /-r/ aspirado, e mesmo de /-r/ tepe, na região.

Outro aspecto a se notar é a possível contribuição dos estudos sociolinguísticos à pesquisa realizada dentro da Geolinguística. Isso porque as ocorrências podem dizer muito mais se forem consideradas dentro do contexto social em que foram produzidas.

Se apenas se considera o total esmagador de /-r/ retroflexo em Itanhandu, por exemplo, fecha-se os olhos para toda a complexidade identitária que existe na cidade e sua consequente manifestação no nível linguístico através do uso de erres não prototípicos na cidade, com destaque para o /-r/ aspirado e também para o /-r/ tepe.

Como dito anteriormente, não se objetiva aqui tirar os créditos das pesquisas realizadas por Zágari (1977), o que se almeja é, a partir de buscas mais minuciosas e recentes, tentar entender a configuração linguística de Minas Gerais investigando, para isso, inclusive o comportamento linguístico e social de áreas que sejam limites de estado, como é o caso do município sul mineiro de Itanhandu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. *Atlas linguístico da Paraíba*. João Pessoa: UFPB; Brasília: CNPq, v. 2, 1984.

BIELER, M. E. *Um estudo sociolinguístico de Itanhandu*. Relatório final do primeiro ano de iniciação científica entregue ao CNPq em agosto de 2011.

_____. *Um estudo sociolinguístico de Itanhandu*. Relatório final de iniciação científica entregue à reitoria da Universidade de São Paulo em agosto de 2012.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -R retroflexo. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 10(2), p. 265-283, 2007.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. D. O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 11/2, p. 51-66, 2008.

CALLOU, D. M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PROED-UFRJ, 1987.

_____; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1996, v. 6, p. 465-493.

CRUZ, M. L. C. *Atlas linguístico do Amazonas*. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERREIRA, C. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.

IBGE. 2010. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>> Acesso em: 24-10-2012.

JOHNSTONE, B. Place, Globalization, and Linguistic Variation. In: FOUGHT, C. (Ed.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 65-83.

KOCH, W.; KLASSMAN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*, vol. 1- Introdução; vol. 2- Cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Curitiba: UFPR, 2002.

LABOV, W. The Social Motivation of a Sound Change. In: _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Luciana Gomes de. *Atlas fonético do entorno da Baía de Guanabara – AFeBG*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LOURDES, R. L. de; ANTUNES, L. B. *A produção do /r/ retroflexo no falar de Patos de Minas*. XIX SIC – UFOP, 2011. Resumo do trabalho disponível em: <http://www.sic.ufop.br/anais/exibir_trabalho/1348> Acesso em: 29-07-2013.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

MARTINS, Edson Ferreira. Atlas linguístico do Estado de Minas Gerais: o princípio da uniformidade da mudança linguística nas características fonéticas do português mineiro. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 4, n. 7, 2006.

MENDES, R. B. *Sounding Paulistano: Variation and Correlation in São Paulo*. Trabalho apresentado no NWAV39, 2010.

_____; OUSHIRO, L. Percepções sociolinguísticas sobre as variantes tpe e retroflexa na cidade de São Paulo. In: HORA, D.; NEGRÃO, E.V. (Orgs.). *Estudos da Linguagem: Casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 262-281.

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language, Variation and Change*. Malden/Oxford/Carlton: Blackweel, 2002.

PEREIRA, Maria das Neves. *Atlas geolinguístico do litoral potiguar-ALiPTG*. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RAZKY, A. et al. *Atlas linguístico sonoro do Pará (ALISPA)*. Belém: CAPES/UFPA/UTM, 2004.

ROSSI, N. et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

ZÁGARI, M. R. L.; RIBEIRO, J.; PASSINI, J.; GAIO, A. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: CARDOSO, Socorro A. M. (Org.). *Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil*. Seminário realizado na UFBA em novembro de 1996.

_____. Os falares mineiros: Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.